

# PARA A MEDIO CRIDADE

RAUL PILLA

**A**O SISTEMA parlamentar, na França, increpa o eminentemente articulista do «Jornal do Brasil» a preferência pelas mediocridades no provimento da presidência da República. Já demonstrei que não se trata disto. O que tem acontecido é que, tendo de optar entre dois candidatos, o Parlamento tem ajuizadamente preferido o candidato de virtudes mais sólidas, embora de menos brilhantes predicados. Dêste seguro critério, o próprio Clemenceau dera várias demonstrações, antes de o ver aplicado contra as suas pretensões.

Não há, pois, tal tendência para a mediocridade no sistema parlamentar: não a há quanto à presidência da República e, ainda menos, quanto à presidência do Conselho de Ministros. Mas, falando em mediocridade, o que não se pode esquecer é a forte tendência do sistema presidencial para ela. Tanto nos Estados Unidos, como nos demais países presidencialistas, são exceções os homens de real valor. A regra é a mediocridade. Simples são as razões do fenómeno.

Na eleição direta do presidente da República, prevalece naturalmente, sobre os demais, o critério eleitoral. O que os partidos procuram, ao fazer a escolha, não é o melhor presidente, mas o melhor candidato; isto é, não o cidadão mais apto a exercer o alto cargo, mas o mais capaz de atrair votos, pois o que mais que tudo importa é a vitória. E, quando por ventura surjam no seio da mesma agremiação dois ou mais candidatos de destacada personalidade, faz-se geralmente a conciliação segundo a linha de menor resistência, isto é, em torno de uma figura de segunda ou terceira ordem. O sistema presidencial tende naturalmente à mediocridade.

Duvida o ilustre articulista? Pois examine a série dos nossos presidentes, onde são raros e isolados cumes os homens de valor. Lembrou êle a derrota de Clemenceau por Paulo Deschanel, que era um homem eminente. Não recordará, acaso, por quem foi derrotado Ruy Barbosa, num pleito memorável?